

DEUS É VIOLENTO?

Estudo de casos da violência no Antigo e Novo Testamento

*Rudinei Zorzo**

Resumo:

O presente artigo tem como objetivo abordar o tema da violência. Busca-se mostrar o tema da violência no Antigo e Novo Testamento, ressaltando a violência de Caim como um marco na História da Salvação. A violência com a pergunta de Deus a Caim, onde está teu irmão? Analisando a violência no Antigo e Novo Testamento e alguns casos específicos. Como subdivisão primeira estudar-se-á, a violência no Antigo Testamento, primeiramente a violência de Caim e depois a violência de Davi; como subdivisão segunda à violência no Novo Testamento com o caso de violência contra Malco. Como subdivisão terceira, apresentar-se-á a violência e sua questão e implicação social. Diante da sociedade pós-moderna não se pode cruzar os braços e deixar tudo como está. Deus está do lado de seu povo simples que cotidianamente sofre com a violência. A Religião e principalmente a Ciência da Religião deve saber dar uma resposta a esse tempo.

Palavras-chave: Violência, Antigo Testamento, Novo Testamento, Deus.

Abstract:

This article aims to address the theme of violence. It seeks to show the theme of violence in the Old and New Testament, emphasizing Cain's violence as a milestone in the History of Salvation. Violence with God's question to Cain, where is your brother? Analyzing Old and New Testament violence and some specific cases. As the first subdivision, violence in the Old Testament will be studied, first the violence of Cain and then the violence of David; as a second subdivision to violence in the New Testament with the case of violence against Malco. As a third subdivision, violence and its issue and social implications will be presented. In the face of postmodern society, you cannot fold your arms and leave everything as it is. God is on the side of his simple people who daily suffer from violence. Religion and especially the Science of Religion must know how to respond to that time.

Keywords: Violence, Old testament, New Testament, God.

*Bacharel em Filosofia, Bacharel em Teologia, bem como Complementação Pedagógica em Pedagogia, Pós-graduado em Psicologia, desenvolvimento humano e habilidade sociais, Pós-Graduado em Psicopedagogia Institucional e Clínica e Pós graduado em Filosofia da Religião. Mestre em Resolução de Conflitos e Mediação e mestre em Gestão Estratégica, especialidade: Gerência. Atuou como coordenador do Serviço de Evangelização da Juventude – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Atualmente é Professor de Iniciação Científica, Ensino Religioso e Sociologia (Ensino Fundamental séries finais e Ensino Médio) e vice diretor de turno (Educação Infantil e Ensino Fundamental Series Iniciais) no Colégio Mutirão de São Marcos em São Marcos/RS. É um apaixonado pela educação e pelas juventudes.

Introdução

A todo o momento se é bombardeado por inúmeras matérias de atos violentos, contra a Paz e contra a vida, tanto humana como a do planeta. Diante disso, algumas questões podem surgir: por que há violência no mundo? Onde ela provem, quais suas origens?

Na tentativa de buscar uma resposta, o presente trabalho propõe-se analisar as primeiras relações humanas do Antigo Testamento, ou seja, analisar o ato fraticida de Caim contra Abel, como ato violento primeiro a ser relatado na Palavra de Deus.

Todo o Antigo Testamento possui, às vezes, uma linguagem um pouco dura, de poder, conquista, violência, principalmente quando se refere a Deus. À primeira vista parece que Deus é violento, no entanto, a palavra utilizada para designar violência pode significar também injustiça. Isso quer dizer que toda a injustiça é violenta. Deus não é violento, não deseja o mal para os seres humanos.

O ato mais violento que se encontra no Antigo Testamento é o de Caim contra seu irmão Abel. Caim faz perceber como a força do mal atuou, e continua atuando, desde as origens da humanidade.

A experiência de ser com o outro como dimensão da existência possibilita a vivência da conduta moral – sempre concreta, situacional – que, por sua vez, permite desvelar o sentido dos valores da existência com o outro. O princípio da não-violência está, no reconhecimento do outro como uma existência com fim em si mesma, e não como um meio transformando o outro em objeto de gozo para um eu narcísico e hedonista.

A humanização do próprio homem é entendida como um norte de superação da violência, pois humanizar é transcender de uma condição animal. O homem pode realizar suas potencialidades na autotranscendência quando encontra um sentido fora dele mesmo, no encontro autêntico com o outro. Assim a violência se inscreve como uma confinamento do homem à sua dimensão

biológica em sentido estrito, o que impede a contemplação da expressão de humanidade de sua existência, pois aponta-nos um rebaixamento do humano a uma condição animal.

Jesus é o mestre da não-violência, Ele é aquele que impede, que interrompe o círculo vicioso da violência, pois manda dar a outra face. Propõe o amor no lugar do ódio, da vingança e da violência. Jesus é também o mestre da Paz, porque mais do que não matar o irmão, pede para que o irmão seja respeitado, pede para não se encolerizar contra o irmão, não o desprezar ofendendo-o.

Onde está teu irmão? (gn 4, 9a)

Segundo o Gênesis, Deus cria todas as coisas e, toda a criação, forma um conjunto harmônico, bom em todas as partes. A Paz funda-se nas relações primárias entre o Adam e Deus. Logo após o ato voluntário em que o Adam alterou a ordem divina, o mundo conhece o derramamento de sangue e a divisão, dessa forma, a violência se manifesta nas relações interpessoais e sociais (Compêndio da Doutrina Social da Igreja nº 488). Romper com Deus é romper com o irmão. Deus havia questionado o Adam: “Onde estás?” Agora pergunta a Caim: “Onde está teu irmão?” O homem é imagem de Deus. Amar o homem significa amar a Deus. Matar o irmão significa desprezar a Deus (Campanha da Fraternidade de 1983, nº 59).

Nesse sentido, estudar-se-á mais esse ponto, a violência contida no Antigo Testamento, tendo a de Caim como ponto crucial de toda a violência e por fim, a violência de Davi contra Urias, para tomar-lhe a esposa.

Violência na Escritura: estudo de casos

Na parte da Bíblia que se denomina Antigo Testamento, é que se encontram os maiores obstáculos que podem intrigar e instigar, pois, cruamente, ela nos mostra que a violência está intimamente envolvida com a

questão do relacionamento com Deus. No entanto, é anti-epistemológico e, sobretudo anti-teológico procurar fazer uma reflexão sobre a violência na Bíblia separando os dois Testamentos.

A violência que até hoje escandaliza e interpela, não é camuflada, mas exposta pela Escritura (BINGERMER, 2008). Para atingir o objetivo de revelar em suas páginas um Deus de aliança e de Paz, a Bíblia não hesita em colocar esse Deus em perigosa proximidade com todo tipo de violência. O sociólogo Walter Benjamin concebe a violência de um ponto de vista religioso, mesmo que consideravelmente laicizado e secularizado, como o análogo humano da cólera pela qual o Deus bíblico afirmar sua potência absoluta diante daqueles que não o reconhecem (MICHAUD, 2001). Assim fazendo, demonstra que a aliança e a Paz têm seu preço e não podem ser considerados como algo facilmente fruído ou suavemente obtido.

A Bíblia revela também que o conteúdo de suas páginas não é simplesmente uma história edificante e piedosa, mas algo real e inspirado. É inegável que a Bíblia se utiliza de uma linguagem de poder e de violência para falar de Deus e de sua ação no mundo (BINGERMER, 2008). Não são poucos os textos onde Deus é descrito como uma grandeza de poder, de força, capaz de aniquilar pessoas, povos, cidades e impérios. Aparecem cenas de deportação, de destruição, de morte com desprezo e maldição públicas. Na maioria das vezes, tais textos têm a função de sublinhar e reforçar o poderio de Deus no mundo, mostrar o vigor e a força determinada desse Deus, que opta por gente pobre, oprimida, explorada, utilizando uma linguagem violenta quase como que uma compensação para a fraqueza antropológica e histórica das pessoas que nele depositam sua fé e sua confiança.

Pode-se ler, assim, as pragas do Egito como uma manifestação violenta de Deus. Pois, seu povo estava sendo violentado e explorado em terra estrangeira. Nesse ponto inicia uma luta entre Deus e o faraó, para ver quem é mais forte. Javé não queria violência, porém, uma vez fracassado o recurso

pacífico para a libertação do povo, Javé inicia, então, o confronto pela força que está representado pelas pragas. Ou seja, começa uma luta, um embate acirrado entre Javé, que quer libertar o povo, e o faraó. Que quer continuar oprimindo os israelitas. Nas pragas a tragédia cresce proporcionalmente à recusa à Palavra de Javé manifestada através de Moisés. Diante da grandeza de Deus e pequenez do faraó uma atitude radical: “vai embora e não voltes, se voltares aqui morrerás” (Cf. Ex 10,28).

A neutralidade de Deus não serve, serve somente ao poder do opressor. O que salva é a luta. Mas é uma luta com amor! Como é possível aos homens lutar e amar? Só Deus pode. Este é o dom da presença de Deus no meio do povo, capacidade de lutar, sem, contudo, odiar visando a salvação do opressor também (GALLAZZI, 1987).

O Antigo Testamento quando fala em violência usa a palavra *hãmas* que ao mesmo tempo significa “injustiça” ou na forma verbal “oprimir”. É imediata a conclusão, que para o Antigo Testamento violentos são os que oprimem, os que fazem injustiça, os que não estão do lado de Javé e do lado de seu projeto de libertação. Assim, violento é quem vai contra esse projeto (RIZZANTE, 1987).

Como se disse anteriormente, violência é sempre e só do opressor. Alguns Salmos utilizam a palavra *violência*, tais como: Salmos 7,17; 25,19; 27,12; 55,10; 58,3; 72,14; 73,6; 74,20; 140,2.5. Carlos Mesters procura explicar melhor a violência nos Salmos:

os salmos violentos e agressivos, apesar de tudo, não pretendem fazer justiça com as próprias mãos, mas a entregam a Deus. Além disso, a própria violência e agressividade são expressão de um agudo sentimento de justiça (MESTERS, 1988. p. 46).

Dessa forma, não se deve negar a violência expressa nos Salmos. Ela é real, tão real quanto a violência presente hoje em nossas músicas.

A violência é o contrário da ação de Javé: só a injustiça é violenta quer a mão esteja armada ou não, quer haja ou não derramamento de sangue (RIZZANTE, 1987). Ana Maria Rizzante diz, que não é violenta, assim, a

conquista da terra de Canaã, mesmo que marcada pela morte de homens e mulheres crianças e velhos (Js 6,21). Não é violenta a ação de Jael que crava no chão a cabeça de Sísara (Js 4,21). Em todo o livro dos Juízes, cheio de lutas, guerrilhas e mortes, a única vez que se fala em violência é quando fala da ação de Abimelec matando para se tornar rei opressor (Js 9,24). Não é violenta Judite que corta a cabeça de Holofernes (Jt 13,8); não é violenta, tampouco, a guerrilha dos Macabeus, assim como não é violenta Ester quando pede mais um dia para poder exterminar os inimigos dos judeus (Est 9,13). E entre os profetas não é chamado violento Elias que ordena e realiza o massacre dos sacerdotes de Baal (1Rs 18,40) (RIZZANTE, 1987). Ou seja, violenta é a injustiça que assola o povo e não a ação em si na busca a justiça.

Os profetas de Israel denunciaram todas as formas de injustiça usadas como instrumentos de violência contra os humildes, os pobres e os estrangeiros, os órfãos e as viúvas. Denunciaram a injustiça e, ao mesmo tempo, anunciaram um reino de Paz.

Caim se lançou sobre seu irmão Abel e o matou (Gn 4,8).

Qual é o ponto de partida? Caim é o primogênito “criado com a ajuda de Deus”. Quanto a Abel simplesmente é continuação de seu irmão, “em seguida deu à luz a seu irmão Abel” (WÉNIN, 2006 p. 47).

Caim é agricultor e Abel é pastor. Caim representa os líderes urbanos, os que estão na cidade e mandam nela e sobre os territórios rurais e Abel representa os nômades, os trabalhadores do campo explorados pela malícia do mercado, pelas relações de compra e venda (MAZZAROLO, 2003).

Na figura de Caim estão os que começam a cultivar a terra e iniciam o processo de construção de cidades com a dominação sobre as atividades de criação de rebanhos. Para que esse processo aconteça inicia o sistema tributário. Aparece outra realidade urbana, ou seja, a corrupção e a falsidade ideológica.

Quando vão oferecer ao Senhor os frutos de seu trabalho, Abel é bem recebido, Caim não. Reação espontânea: Deus é injusto! É tanto mais injusto aos olhos de Deus, Caim porque o prejudicado é o caçula, o que não conta (WÉNIN, 2006). Diante dessa situação, a reação de Caim é humana, pois o ciúme, com a revolta que pode gerar, é um sentimento humano, um movimento espontâneo do coração. O Senhor começa indicando a Caim uma boa maneira de administrar o ciúme: agir bem (Gn 4,6-7).

As oferendas de Caim e de Abel podiam ser idênticas, prescrevendo todos os critérios de pureza, perfeição, quantidade e valor, mas Deus iria rejeitar sempre a oferta de Caim. Por que a oferta esconde o espírito e a intenção nuclear: “o povo fraco estava sendo oprimido e pisoteado” (MAZZAROLO, 2003). Caim experimentou a ruptura em seu interior diante da oferenda agradável que seu irmão Abel apresentou a Deus. Caim viu sua integridade ameaçada pela vida do seu irmão, e a rivalidade gerou o homicídio no coração de Caim. A unidade interior de Caim se quebrou e o levou a excluir seu irmão, ferindo de morte a fraternidade original. Abel foi assassinado, e Caim se condenou a viver sem o irmão, como “um errante fugitivo sobre a terra” (Gn 4,14).

Os comentadores se limitam, em geral, a apontar a inveja e o ciúme que conduzem Caim a um assassinato, o que significa imputar ao assassino sozinho toda a responsabilidade por sua violência (WÉNIN, 2006).

Caim faz perceber como a força do mal atuou já nas origens da humanidade. Pecou ao refutar internamente a indiferença com que Deus olhava sua oferenda, a qual nunca exteriorizou uma atitude de entrega a Deus que ele não tinha. Seu pecado é fruto de uma rebeldia desafiante, motivada, por sua vez, por não se aceitar tal como Deus o fez. Caim quis ser mais e acabou sendo menos (SALAS, 1981).

Todo o obstáculo deve ser removido para atender aos princípios pessoais. Se o outro é tropeço, acabe com ele. Então Caim forja uma mentira

para levar seu irmão a um lugar propício para o crime (MAZZAROLO, 2003) e diz a seu irmão “saíamos” e, como estavam no campo, “Caim lançou-se sobre seu irmão Abel e o matou” (Cf. Gn 4,8b).

O irmão mata o irmão. Como naquele primeiro fratricídio, também em cada homicídio é violado o parentesco espiritual que congrega os homens numa única e grande família sendo todos participantes do mesmo bem fundamental: a igual dignidade pessoal (Evangelium Vitae, nº8).

Assim, fica fácil perceber como se dá o pecado, primeiro aquele desejo inicial do ser humano ser igual a Deus e praticar o mais cruel dos crimes contra a Lei de Deus que é tirar a vida. Depois do crime, em lugar de conhecer uma vida sem entraves, Caim conhece a si próprio como entrave para sua vida (SUSIN, 2005). Antes fugia do irmão, agora foge de si mesmo.

Caim arriscou sujar o solo com o sangue do inocente. O sangue pertence a Javé, e todo o sangue derramado exige uma prestação de contas (MAZZAROLO, 2003). O sangue do irmão foi escorrendo pela terra e tornando-a sinal de abominação desprezível. E, por mais que ele se arrependa, o irmão não tornará a viver. Algumas atitudes podem ser revertidas, mas os crimes contra a vida não têm volta.

A morte de Caim não devolve a vida a Abel. O arrependimento em vida pode dar tempo à misericórdia e ao perdão. Após o ato de violência Caim rompe com sua casa, ele rejeita seu irmão, não aceita seu pai e sua mãe, nega os princípios de convivência e toma uma atitude totalitária, ditatorial: eliminar seu irmão Abel, porque significava um estorvo para seus intentos, uma pedra no caminho da corrupção, da expansão e da prepotência (MAZZAROLO, 2003).

A exclusão é decorrência natural de quem não quer a convivência. Assim, se ele não sai por livre vontade, a comunidade precisa afastá-lo, pois ele demonstra a decisão voluntária da não aceitação da presença do irmão.

Violência de Davi (2Sm 11).

Antes de tomar o poder Davi promoveu uma “guerra de ataque”, deixando de lado a lei tribal da “guerra santa”, na qual, podia-se guerrear somente em caso de defesa. Costacurta afirma que Saul, mesmo inocente, refuta responder com violência o ato violento de Davi, teve que aceitar que a consequência podia ser a morte de mais inocentes (COSTACURTA, 1994). Davi não só desrespeitou a lei da guerra santa, praticou também a guerra de conquista, praticando saques e se apropriando dos despojos do inimigo. Também isso era condenado pelas leis tribais (GASS, 2007).

Pode parecer estranho relatar o ato de Davi contra o heteu Urias como forma de violência, mas veja: Urias, marido de Betsabéia, estava na frente de combate. O assassinio de Urias tornou-se necessário para proteger Betsabéia do castigo de adultério, devido à gravidez que se seguiu ao ato (DAGONET, 1981). O primeiro filho morreu (PRANG, 1999), mas depois Betsabéia deu à luz novamente, nascendo-lhe Salomão. A "história familiar" de Davi registra nesse momento uma transformação em sua vida: nesse exato momento, Davi está no ponto culminante de sua ascensão, tanto nos assuntos internos como nos externos. Mas, ao pecar, ele é censurado por Natã. A morte do menino constitui apenas o início do “castigo” (ARNALDICH, 1969).

Desse momento em diante, sua vida não passa de uma série ininterrupta de desgraças: o rapto de Tamar por parte de Amnon e o seu incesto com ela (2Sm 13,1), o assassinio de Amnon por ordem de Absalão para vingar sua irmã (2Sm 13,21), o exílio de Absalão, só encerrado por intercessão de Joab. Absalão, sucessor presumível de Davi, tenta usurpar o poder antes da morte do pai (2Sm 15,1): com suas articulações políticas, consegue o apoio de certo número de pessoas e oficiais do rei, fazendo com que Davi tenha que fugir de Jerusalém ao explodir a revolta em Hebron (ARNALDICH, 1969).

O vasto e imediato êxito da revolta atesta não apenas a malícia de Absalão e seus seguidores, mas também dá margem a se pensar que o governo de Davi

devia apresentar certos aspectos negativos que não foram conservados por nossas tradições. Davi fugiu para a margem esquerda do Jordão, procurando reorganizar suas forças (ARNALDICH, 1969).

Parece provável que a população de Hebron, como também talvez toda a população de Judá e de Jerusalém provavelmente não israelita, apoiava a revolta, mas é difícil afirmar que todo o reino a apoiava. Os soldados mercenários permaneceram fiéis a Davi: logo que Davi ficou em condições de mobilizá-los, as forças de Absalão foram derrotadas.

A característica predominante de Davi é a violência, uma violência que não é maior, mas também não é menor, do que a violência típica de sua época e de sua civilização. Ele não parecia ter mais respeito pela vida humana do que seus contemporâneos de Canaã ou da Mesopotâmia. Desde a sua infância ele estava habituado à violência, a uma vida de agressão e defesa. E a história de Davi revela não apenas uma violência física, mas também a violência das paixões: da ira candente que destruiria Nabal e sua casa à luxúria que o fez desejar Betsabéia depois de um só olhar. Como todos os monarcas orientais, Davi possuía um numeroso harém, sinal de poder e de sua potência (GASS, 2007). Não há nada além de justiça poética naquela violência que amaldiçoou a ele e seus filhos, destruindo toda forma de felicidade na segunda metade de sua vida.

No entanto, no final de sua vida enquanto ia andando alguém lhe dava pedradas, seu oficial queria destruí-lo, Davi não deixou, “pois, se o filho que saiu de minhas entranhas busca minha morte. Com mais razão este benjamita, deixai que amaldiçoe, se Iahweh lhe ordenou que fizesse. Talvez Iahweh considere a minha miséria e me restitua o bem pelas maldições de hoje” (2Sm 16,11-12.)

É o rei Davi retratando-se de seus erros e de sua violência, talvez a tradição que põe Davi como pacífico baseia-se nesta passagem.

Violência no Novo Testamento: contra Malco (Mt 26,51; Mc 14,43; Lc 22,50; Jo 18,10).

Mesmo que os sinóticos não coloquem aqui Pedro como o protagonista da violência contra Malco, João o dedura, revela a identidade daquele que, tendo chegado os algozes, puxa a espada e corta a orelha direita do soldado.

Jesus reprime o ato indisciplinado e inútil do ardente apóstolo com umas palavras cheias de mansidão. Relembra uma máxima proverbial, conforme a qual a violência só gera mais violência (LEAL, DEL PARAMO, ALONSO, 1969), no entanto o Reino que ele veio estabelecer fundamenta-se na caridade, na renúncia e na paciência.

Alguns autores põem Simão Pedro como um Zelota . Em alguns textos bíblicos ele é chamado como Simão Zelota (por exemplo: Lc 5,15; Mc 3,19; Mt 10,4). O ato de Pedro é uma fútil tentativa de defesa por parte dos próximos de Jesus. Os apóstolos continuam sem entender o que se passava, pensando em espadas e defesa “fácil” querem expressar seu apoio e ajuda a Jesus, porém com violência.

Nesse sentido o ato de Pedro empunhar a espada, ou seja, armar-se com violência, mostra como ele ainda não havia compreendido o projeto do reino trazido por Jesus e nem o ato amoroso de Jesus na última ceia. O que fez com que Pedro nem se desse conta do que havia feito. Ele só vai ‘cair em si’ e compreender quando nega Jesus por três vezes.

Mohandas Karanchand Gandhi, grande herói do movimento pela independência da Índia e líder do movimento não-violento em uma de suas falas afirmou:

ao infligir violência uns contra os outros, os seres humanos não sabem o que estão fazendo, pois não conhecem a dimensão sagrada de seus irmãos e irmãs, a humanidade deles, que, em seu mais íntimo recesso, é a mesma que a humanidade de Cristo. A violência dos seres humanos, em qualquer tempo ou lugar da história, é a mesma violência do Gólgota. E a vítima, sempre e em toda parte, é a mesma: o homem na cruz (GANDHI, 1996. p. 218).

Desta forma, reconhecer a humanidade de Cristo na cruz é reconhecer todos os seres humanos n'Ele. Gandhi, hindu, no seu tempo, fazendo uma afirmação destas, reconhece o princípio da não-violência e da Paz presente em Jesus Cristo.

Violência e a Questão Social

Basicamente, existem três tipos de violência: a estrutural, a física e a simbólica. A violência estrutural tem a ver com as formas sistemáticas de negação da cidadania a indivíduos e grupos determinados de cidadãos, baseados principalmente na discriminação social contra os “diferentes”. São obstáculos institucionais que impedem ou dificultam a realização das potencialidades humanas dos discriminados, sobretudo nas áreas da educação, do emprego e da saúde.

Já a violência física é facilmente perceptível, pela facilidade de visualização e por sua materialidade, uma vez que implica atuação sobre uma realidade corpórea. A reação da sociedade diante dela é quase sempre contrária, provocando até mesmo diversos tipos de mobilização. Percebe-se, no entanto, que por causa do crescimento desse tipo de violência, muitas pessoas já a veem sob o critério da normalidade e reagem com indiferença diante de determinados casos, sem perceber a necessidade de sua superação.

Por outro lado, a violência simbólica é menos perceptível no meio social, mas nem por isso seus efeitos são menos nocivos. A ação acontece por coação através da força de símbolos, situações, constrangimento, ameaças; pela exploração de fatos ou de situações; pela negação de informações ou de um bem de necessidade imediata ou irrevogável; por chantagens e pela cultura do medo, entre outras formas. Pela humilhação!

Há várias formas de violência no Brasil. Há várias fontes de morte (SOARES, 2005). Uma delas é o trânsito que mata tanto quanto ou mais que os assaltos, outra são os acidentes de trabalho, um problema para o Brasil, sem

contar a violência da fome e da miséria. A violência no trânsito e a dependência dos meios de transporte, principalmente nas grandes cidades, diminuem cada vez mais a possibilidade de uma vida segura, ampliam os riscos para a vida e para a integridade física e contribuem para o aumento da violência nos relacionamentos entre as pessoas.

Pode-se até dizer que a violência faz parte do viver do brasileiro, tornou-se algo cultural, pois, está no trânsito, nas casas, nas ruas, nas escolas, no tráfico de drogas, no Estado, nas relações de gênero e de poder e nas instituições (policiais, judiciárias, hospitalares, educacionais, etc).

A violência urbana atraiu para si o debate, não só da sociedade em geral como também entre pesquisadores e, principalmente, intelectuais especialistas em analisá-la. Ela passou a ser um acontecimento constante e perturbador. O homicídio tornou-se a modalidade de violência mais visível nas áreas urbanas (COSTA, PIMENTA, 2006). A injustiça social muitas vezes cria ocasiões de busca de justiça pelas próprias mãos, sem respeito à lei, como exemplificam os jagunços e as milícias presentes nas favelas. Por falta de oportunidades e até de amparo legal, a luta pela igualdade social segue, muitas vezes, o caminho da ilegalidade.

Pode-se dizer que se vive hoje na violência de um sistema que persegue toda e qualquer forma de negatividade, de irregularidade, inclusive a forma derradeira de singularidade que é a própria morte. Violência que opera contra a própria violência e que opera para instalar um mundo livre de qualquer ordem natural seja do corpo, do sexo, do nascimento ou da morte (BAUDRILLARD, 2003). O objetivo é eliminar qualquer zona refratária, colonizar, domesticar todos os espaços selvagens, seja no espaço geográfico, seja no universo mental. O filósofo francês Jean Baudrillard, comentando os atentados às torres gêmeas no onze de setembro de 2001, afirma, a base de qualquer dominação é a ausência de contrapartida. O dom unilateral é um ato de poder e o Império do Bem, a violência do Bem, consiste em dar sem contrapartida possível. É ocupar

a posição de Deus, ou do Senhor que preserva a vida do escravo em troca de seu trabalho (mas trabalho não é contrapartida simbólica e a única resposta é a revolta e a morte). Deus deixava ao menos espaço para o sacrifício. É isso que garante o equilíbrio simbólico dos seres e das coisas.

Encontramo-nos na situação implacável de receber, sempre receber, não mais de Deus ou da natureza, mas da tecnologia. Tudo é-nos virtualmente dado e temos direito a tudo, querendo ou não (BAUDRILLARD, 2003, p. 62).

Uma possível contrapartida a esse sistema é a violência escancarada (por exemplo: terrorismo) e recusa a toda característica moderna.

Uma das causas da violência, do ponto de vista neurofisiológico, é a agressividade (YOSHIDA, 1998). Ela corresponde a um início de localização-orientação da síndrome geral de adaptação: a energia da vítima tende a voltar-se contra um alvo, nesse caso o agressor. A agressividade é própria do homem bem como dos animais. Tal instinto pode ter sido adaptativo nos primeiros homens, mas uma vez que estes começaram a dominar o meio ambiente, a se assenhorear das técnicas e a formar grandes grupos, o instinto tornou-se nocivo (MICHAUD, 2001). Nesse sentido, o criminologista Lopez-Rey, sugeriu cinco “elementos condicionantes” para uma pessoa se tornar agressiva: “o poder, o desenvolvimento, a desigualdade, a condição humana, o sistema penal” (LOPEZ-REY, 1978, p. 43).

Por outro lado, Maria Clara Bingermer afirma que a violência tem a força, o poder de petrificar indiferentemente, mas igualmente as almas daqueles que a sofrem e daqueles que a manipulam. A violência é algo irracional (BINGERMER, 2007). E o ser humano desperta para a razão quando se dá conta da violência ao seu redor.

A violência humana não pode ser considerada como uma falha da evolução; ela deve ser vista em sua especificidade e pode-se assim abrir os olhos para uma crueldade e uma destruição humana que não tem equivalente na natureza, devido à engenhosidade humana em matéria de violência, de tortura e de horror. A humanização do próprio homem é entendida como um norte de

superação da violência, pois humanizar é transcender a uma condição animal (MOREIRA, ABREU, OLIVEIRA, 2006).

Precisa-se de programas emergenciais, afirma Luis Eduardo Soares, ex-secretário nacional de Segurança, precisa-se salvar vidas, ter esse sentimento de urgência, ainda que os programas emergenciais estejam longe de resolver os problemas, mesmo assim, precisa-se salvar vidas (SOARES, 2005). É muita gente sofrendo, cotidianamente.

Deus no Antigo Testamento se manifesta como “Aquele que é”, o Deus da vida. Pois desde Abraão, passando por Moisés, pelos profetas Deus foi libertando seu povo da escravidão e da morte, conduzindo-o e reconduzindo-o para a vida junto d’Ele.

Interessante é notar que em Dt 30,15, Deus deixa sempre seu povo escolher se quer a vida ou se quer a morte, por várias vezes o povo escolheu a morte. Mas Deus, com mão forte, fazia-o sair da escravidão e lhe ensinou a lição do deserto, ou seja, o problema não está em não ter pão ou ter fartura, mas está em estar ou não com Deus.

A vida é uma dádiva de Deus e só tem sentido em relação a Ele, e está intimamente ligada à realidade terrena, na relação com o Outro. É aqui que consiste na beleza da vida. A vida é um dom de Deus e não uma ameaça (GORGULHO, 1996).

A vida humana, portanto, tem uma dignidade sagrada porque emerge da vontade e do poder criador desse Absoluto. Todas as explicações e teses não conseguem manipulá-lo e nem o dominar, muito menos apreendê-lo. Deus é sempre um mistério que transpõe toda habilidade humana. Sendo Ele o autor da vida e considerando que ninguém consegue produzir a vida sem o princípio original, conclui-se que a vida humana é puro dom. Oferta de amor que não cobra e nem reclama, apenas pede preservação e cuidado. A valorização da vida supõe atenção a sacralidade e à qualidade de vida das pessoas.

Dar primazia ao paradigma do cuidado (BOFF, 2009), e manter o da conquista sob severa vigilância, torna possível a Paz e a concórdia, o respeito e a valorização da vida presente na pessoa do outro, na sociedade e a vida como um todo, ou seja, a vida do planeta.

A vida é sempre um bem. Esta é uma intuição ou até um dado de experiência, cuja razão profunda o homem é chamado a compreender. Por que motivo à vida é um bem? Esta pergunta percorre a Bíblia inteira, encontrando já nas primeiras páginas uma resposta eficaz e admirável. A vida que Deus dá ao homem é diversa e original, se comparada com a de qualquer outra criatura viva, dado que ele, apesar de emparentado com o pó da terra (Gn 2,7; Gn 3,19; Jó 34,15), é, no mundo, manifestação de Deus, sinal da sua presença, vestígio da sua glória (Gn 1, 26-27; Sl 8, 6). Ao homem foi dada uma dignidade sublime, que tem as suas raízes na ligação íntima que o une ao seu Criador: no homem, brilha um reflexo da própria realidade de Deus (Evangelium Vitae, nº 34).

A vida é o bem fundamental e básico em relação a todos os demais bens e valores da pessoa. Para a ética, a vida é um bem, mais que um valor. O bem é uma realidade pré-moral, porque existe independente do agir e da vontade humana. Também é um bem pré-moral a saúde e a sexualidade. O valor, ao contrário, é uma qualidade objetiva do agir humano e só existe enquanto tal. A vida sempre tem valor, em todo tempo. Não se justifica ser contra o aborto e defender a pena de morte, por exemplo. Igualmente a discriminação é uma forma velada de desvalorização da vida, porque afirma que a vida de uns vale mais que a dos outros. Apesar de bem pré-moral, a vida necessita da valorização ética a ser dada pela intencionalidade do agir humano. A avaliação ética de uma intervenção na vida vai depender da intencionalidade do agente e do resultado da ação. O próprio Deus e o ser criado à sua imagem não podem ser objeto de alguma ação humana arbitrária.

Jesus sempre valorizou a vida como dom precioso de Deus. Quando falou de acolher e não escandalizar (Mt 18,5-7; Lc 17,1-2), estava condenando

o sistema tanto político como religioso que é motivo de criança, gente humilde, perder sua fé em Deus (MESTERS , 1996).

A pessoa é reduzida a um objeto. No momento em que se procura o outro somente como um ser que provoca prazer, opera-se no outro uma ação redutora que o desnaturaliza, porque o rebaixa da sua realidade de pessoa à realidade de corpo que provoca sensações agradáveis. A pornografia nunca apresenta o outro como pessoa que se exprime na sua dignidade de ser inteligente e livre, artífice de si próprio e de uma comunicação que permite que ambos cresçam como pessoas, mas reduzi-lo a uma coisa.

É sabida a marginalização da mulher, como consequência de ativismos culturais que se manifesta na sua ausência quase total da vida política, econômica e cultural. Acrescentam-se, ainda, novas formas de marginalização numa sociedade consumista e hedonista. Assim é que se chega ao extremo de transformá-la em objeto de consumo, disfarçando a sua exploração sob o pretexto de evolução dos tempos, por meio da publicidade (STUDART , 1974), do erotismo e da pornografia.

A Igreja Católica, nesse sentido, pede aos cristãos que reprimam corajosamente as paixões e suportem com paciência os sofrimentos da vida. Estas virtudes asseguram um firme e sereno domínio do espírito sobre o corpo, também prestam valioso auxílio para o bem-estar da pessoa (Mater et Magistra, Nº 235).

Jesus, contrário a essa lógica hodierna, irradiava vida e respeito, pois a mulher em Mc 5,25-34 quando pensa, “se eu tocar Nele ficarei curada” ela é acolhida por Jesus e por Ele curada. Por isso é que Jesus diz: “Eu vim para que todos tenham vida” (cf. Jo 10, 10b). Jesus é o único capaz de dar sentido à vida. O projeto de vida confiado ao primeiro Adam encontra finalmente em Cristo a sua realização. Afirma o apóstolo Paulo: “O primeiro homem, Adam, foi feito alma vivente; o último Adam é um espírito vivificante” (cf. 1Cor 15,45).

Conclusão

Procurou-se apresentar a violência tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. Viu-se que a linguagem do Antigo Testamento é um pouco violenta, principalmente alguns salmos que utilizam uma linguagem bastante dura. No entanto, a violência é contrária da ação de Javé. Para o qual só a injustiça é violenta e Ele se posiciona ao lado do injustiçado.

Caim é o primeiro a cometer violência na Bíblia. O que mostra que desde o início da humanidade as forças do mal atuam e fazem os seres humanos se lançarem contra seus irmãos e levando-os a morte.

Já se passaram 62 anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos. O tempo passou, mas a sociedade e os governos ainda não entenderam que o caminho para o fim da violência e para a consolidação da democracia passa necessariamente pela garantia dos direitos humanos.

Esse é o desafio que toda a sociedade e os poderes constituídos têm. A sociedade civil organizada e cada um dos cidadãos são desafiados, porque é de seu interesse pessoal. Pois, quando se permite que alguém seja maltratado, humilhado, escravizado se está dizendo quem será a próxima vítima, que pode ser qualquer um.

Bibliografia

ARNALDICH, Luis. *Bíblia Comentada: II, libros históricos del Antiguo Testamento*. 3 ed. Madrid: BAC, 1969.

BAUDRILLARD, Jean. *Power Inferno*. Porto Alegre: Moderna, 2003.

BINGERMER, Maria Clara Luchetti. O Deus da vida e as religiões do livro (O monoteísmo: fonte de Violência?). In.: SOTER. *Deus e vida. Desafios, alternativas e o futuro da América Latina e do Caribe*. São Paulo: Paulinas, 2008.

BINGERMER, Maria Clara. *Sujeito e Subjetividade: Violência e Paz*. In.: BRUSTOLIN, Leomar Antônio. *Estudos de Doutrina Social da Igreja*. Porto Alegre: EST, 2007.

BOFF, Leonardo. *Fundamentalismo, terrorismo, religião e Paz: desafio para o século XXI*. Petrópolis: Vozes, 2009.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Fraternidade Sim – Violência Não. Texto-base da Campanha da Fraternidade de 1983. Brasília: CNBB, 1982.

COSTA, Márcia Regina da & PIMENTA, Carlos Alberto. A violência: Natural ou sobrenatural? São Paulo: Paulus, 2006.

COSTACURTA, Bruna. Con la cetra e con la fionda. L'ascesa di Davide verso il trono. Roma: Dehoniane, 1994.

DAGONET, Ph, et alii. Então Davi foi eleito rei: Juízes e Samuel 1 e 2. São Paulo: Paulinas, 1981.

GALLAZZI, Sandro. A mão do Senhor contra o Egito. In.: Estudos Bíblicos 6. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

GANDHI, Mohandas Karanchand. Gandhi e o cristianismo. São Paulo: Paulus, 1996. (Educadores da humanidade).

GASS, Ildo Bohn. Formação do Império de Davi e Salomão. Vol. III. 4 ed. São Leopoldo: CEBI; São Paulo: Paulus, 2007. (Uma introdução à Bíblia).

GORGULHO, Maria Laura. Vida: Deus e a terra na primeira experiência de Israel. In.: Estudos Bíblicos 50: Reflexões Bíblicas sobre a Vida. Petrópolis/São Leopoldo: Vozes/Sinodal, 1996.

JOÃO XXIII. Mater et Magistra. Sobre a evolução contemporânea da vida social à luz dos princípios cristãos. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.

JOÃO PAULO II. Evangelium Vitae. Sobre o valor e a inviolabilidade da vida humana. 2 ed. São Paulo: Paulus, 1995.

LEAL, Juan; DEL PARAMO, Severiano & ALONSO, José. La Sagrada Escritura: Nuevo Testamento. 3 ed. Madrid: BAC, 1969.

LOPEZ-REY, Manoel. Criminologia. Vol. II. Madrid: Aguillar, 1978.

MAZZAROLO, Isidoro. Gênesis 1-11, e assim tudo começou... Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2003.

MESTERS, Carlos. O rio dos Salmos: das nascentes ao mar. São Leopoldo: CEBI, 1988.

MICHAUD, Yves. A violência. São Paulo: Ática, 2001.

MOREIRA, Jacqueline de Oliveira; ABREU, Anderson Kerley Chaves de e OLIVEIRA, Marina Clemente de. Moralidade e sociabilidade em Frankl: um norte para a superação da violência. Psicologia em Estudo, Maringá, v. 11, n. 3, p. 627-635, set./dez. 2006.

PRANG, Martin. À sombra da figueira: história sobre os Dez Mandamentos. São Leopoldo: Sinodal, 1999.

PONTIFÍCIO CONSELHO “JUSTIÇA E PAZ”. Compêndio da Doutrina Social da Igreja. São Paulo: Paulinas, 2006.

RIZZANTE, Ana Maria. Salmos: uma oração violenta? In.: Estudos Bíblicos 6. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

SALAS, Antonio. Antigo Testamento I. De Adam a David. Madrid: Biblia e Fe, 1981.

SOARES, Luis Eduardo. A violência no Brasil. In.: INSTITUTO NACIONAL DE PASTORAL E CENTRO LOYOLA-RIO (Org). Violência e Paz à luz da Pacem in Terris. São Paulo: Paulinas, 2005.

SUSIN, Luiz Carlos. Sou eu, acaso, guarda do meu irmão? Uma nova hipótese teológica sobre o “pecado original”. In.: Revista Eclesiástica Brasileira – REB. Vol. 65, nº 257. Petrópolis: Vozes, Janeiro de 2005.

STUDART, Helonidas. Mulher: objeto de cama e mesa. Petrópolis: Vozes, 1974.

YOSHIDA, Maria Lúcia Pedroso. O Adolótico Psicolescente. Psicologia para Adolescentes. São Paulo: Paulus, 1998. (Geração 2000).

WÉNIN, André. O homem bíblico. São Paulo: Loyola, 2006.